

RESENHA DE *PALAVRAS CRUZADAS*, DE GUIOMAR DE GRAMMONT

REVIEW OF *PALAVRAS CRUZADAS*, BY GUIOMAR DE GRAMMONT

Ricardo Araújo

UnB | ricaredo@unb.br



Dossiê:

Fabulações e cenas especulativas



ORGANIZADORES:

Dr. André Luís Gomes



Dr. Pablo Gonçalo Martins



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 33, n. 64, abr. 2024

Brasília, DF

ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 26/02/2024

Aceito em: 01/03/2024

DISTRIBUÍDO SOB



Uma das lições de Hamlet, de Shakespeare, é de que só conversamos com o Pai depois que ele morre. Parece que Hamlet filho nunca prestou seus ouvidos ao pai Hamlet. Hamlet, o príncipe, o filho, não tem recordações da fala do Pai. Toda sua tragédia é essa busca pela voz do Pai que aparece na forma de fantasma — assim ocorre também com Édipo em *Relação ao Pai* — Laio — de forma ainda mais dramática: eram estranhos; pela narrativa do mito, parece que nunca tinham se visto até o desfecho trágico. Fantasma tem algo de morto e de vivo, está ao mesmo tempo no exterior e no tempo interior do “eu”: todo fantasma necessita de um “eufismo” para poder caminhar, entre corredores, nas escadarias escuras dos castelos!

Hamlet tem que escrever uma tragédia dentro da tragédia, uma arapuca, para capturar o sentido das coisas, que era no fundo o sentido do seu “*to be or not to be*”. Na falta de um ser de carne e osso, usa-se a lembrança e a imaginação; daí surge o fantasma, o mito. Na verdade, o que busca Hamlet, como uma armação detetivesca, a partir de seu próprio imo, é encontrar a verdade de seu interior. Quando se descobre que sua história está incompleta sem a história do Pai, o vazio ou outras expressões para a perda, refletem essa busca pelo ser, porque toda busca está prenhe da própria origem, do centro, do tempo que não fazia sentido buscar...qualquer coisa que fosse.

Esse é o tema de Proust, é o tempo doméstico, mas o tempo doméstico não escapa ao tempo, físico-matemático. Precisamos de um gênio dos tempos imemoriais para compor nosso próprio tempo cotidiano que, por outro lado, é mais egoísta ainda: o familiar! O tempo egoístico é infantil, pois não tem espaço; o tempo adulto tem mais espaço, e as coisas falam mais que passagens, mais do que as medidas podem medir.

Daí é que vem a melancolia, e desse lugar sem tempo, nasce a angústia de Sofia, que está sempre à procura, à busca, para encontrar uma coisa, o paradeiro – no drama da busca a metonímia vem em socorro do desespero –; essa entidade que parece desprezar o espaço e enxerga apenas o tempo – *omnímoda aporia*, daí o grande mal estar: des-espero! Sabe-se que tem que ocupar um espaço, mas que está além do próprio acaso – é preciso lembrar de Mallarmé para expor esse paradoxo “*Un Coup de Dés Jamais N’Abolira le Hasard*” – não há fim do acaso!

Esse tema que remonta à noite dos tempos! É o tema de Guiomar de Grammont, nesse espetacular “*Palavras Cruzadas*”, no qual há a protagonista Sofia, mas antes desse protagonismo dela há outro, o do desaparecido, seu irmão Leonardo, guerrilheiro no Araguaia, que tem tempo, mas não espaço. O espaço cotidiano é físico, o lar, as coisas que compõem o lar, mãe, pai, filhos, irmãos. O tempo é volátil, fútil, informe. De Sofia para a mãe, Luísa, o tempo acomoda-se em espaço. Luísa sabe mais do que Sofia quer saber. Por outro lado, a pesquisa de tempo em tempo, a procura do espaço, está consubstanciando a figura do Pai. Leonardo desaparece, não há corpo, nem vestígios, uma metonímia que seria a notação do espaço. E esse é o círculo de letras e textos do livro.

Pai e filho — tendo como filho, Leonardo —, brigam por espaço: eterna contenda. Se há palavra para explicar esse paradoxo, é labirinto, seja de pessoas ou de palavras, pois nada no espaço é de fácil apreensão, principalmente no âmbito doméstico — busca pelo espaço entre pai, depois de ser filho e de filho, antes de ser pai!

O labirinto é um exercício de lógica. Assim o fez Ariadne — e a melhor lógica é aquela que pende para a ação. Esse exercício de exegese é bem efetivado em “*Palavras Cruzadas*”. Sofia é a narradora e pela sua voz ressoam as vozes do pai e da mãe, e desse labirinto de vozes aparece de forma quase cifrada a voz do irmão. Leonardo, militante de esquerda com passagens por todos os cantos da revolução popular: aprendizado de ações de guerrilha nas serras cubanas, na guerrilha do Araguaia e nos enfrentamentos da guerrilha urbana com seus tribunais de caças às bruxas. Mas todas essas vozes estão encapsuladas na voz de Luísa, a mãe com ímpetos de escritora, leitora de Proust e acostumada com seu ambiente livresco de uma biblioteca doméstica. É a voz de Luísa que fala não falando e que traz no colete a voz de Leonardo, pela glosa e continuação do texto de Mariana. Outra personagem que tem voz, mas não tão proeminente, é o Pai — e é quase que, paradoxo atemporal, uma continuação da voz de Leonardo. Todas essas vozes formam um quebra cabeça, digno do Edgar Allan Poe de “*A carta furtada*”.

Antes de desmastrear o dia-a-dia havia uma vida cotidiana, familiar, na qual sobressaem disputas de Leonardo com o Pai. Essas disputas naturais nos sexos masculinos quase sempre ficam esmaecidas com a corrida do tempo no álbum de fotografia, mas um signo de indicação familiar torna-se quase dramático quando Luísa ou Sofia aparecem entre eles. O livro de Grammont é em sua feição, ou em seu *modus faciendi*, o relato de Sofia que segue as pistas extraídas de um texto datilografado que ela recebe de sua mãe, Luísa. O texto, uma espécie de brochura, era originalmente um texto manuscrito, que narrava as aventuras e desventuras de uma guerrilheira na região do Araguaia.

Essa parte do livro é muito interessante. Pela Voz de Mariana, é o nome da protagonista do relato, sabemos o modo de vida na selva, a forma de organização, a herança militar que a esquerda odeia, mas que utiliza em seu seio. E ainda pode-se dizer que o livro é mais realista do que a terceira pessoa poderia ser, e nesse ponto Grammont segue a herança do cânone brasileiro: ser mais realista que o rei! Mas, apesar de todo realismo e das convenções próprias ao pequeno universo dos guerrilheiros sob a doutrina marxista revolucionária, há um pouco de psicologismo e de barroquismo, o primeiro nos apuros de Mariana que, pequena burguesa paulistana, deixa essa vida para salvar o Brasil e o mundo do fantasma do Capitalismo — apesar de o país, naquele momento de sua história, estar longe do desenvolvimento econômico. Mariana deixa a cidade e vai para o Araguaia juntar-se aos companheiros de partido. Seus relatos são os melhores que li até hoje para compor e vislumbrar um lado dessa guerra civil, confinada a uma pequena parte de terra, minúscula, se comparada a todo o território do Estado do Pará.

Lá, Mariana descreve a fauna, a flora, os companheiros, as pessoas que vivem naquele Pará distante do mundo. Nessa composição, ela aponta para o psiquismo do Chefe, que aos olhos do leitor

parecerá burocrático, duro e até brutal. Ela também fala do preparo para a guerra, chega a compor um desenho do grupo de guerrilheiros, sua luta pela vida nas selvas, sua alimentação — tatus, cobras, pássaros, pacas e capivaras — que a floresta servia para seus pratos. Mariana deixa uma exposição clara dos problemas, das idiossincrasias dos militantes e do espaço externo e interno dessa pequena parte de um exército de revolucionários. Mas tudo que é bem feito tem de desenvolver em seu bojo, em seu ser, um idílio. E então, como “Paulo e Virginia”, marioandrianos, Mariana encontra “A”. Um jovem revolucionário. “A”, sem nunca perder a ternura, continua a narrativa justo no ponto em que Mariana a deixou. Mariana e ‘A’ são sujeitados a julgamento pelo grupo, e discute-se o que fazer na situação de gravidez: aborto, expulsão, matar a companheira? Ali é decidido que ela deve ir para São Paulo, resolver a gravidez, ou seja, abortar e voltar. Em São Paulo, Mariana muda de ideia e se torna mãe, decidindo não voltar para o Araguaia.

Nesse momento, no Araguaia, “A” encontra o diário de Mariana e continua a narração, emprestando a voz de Mariana. Na continuação do relato, “A” mostra-se apreensivo em relação à situação de Mariana e continua quase no mesmo tom a descrever informações sobre o grupo de Guerrilheiros. Isso se desenvolve até o momento do confronto com os militares que avançaram na selva para acabar com a guerrilha. Os militares vencem e toda a carnificina se inicia. Somente depois ter-se-á um panorama completo das mortes, torturas, degolas, quando os mateiros e alguns moradores do local expuseram suas vozes para jornais e dezenas de entrevistas.

Nessa trama que envolve Araguaia e São Paulo, temos Ainda Minas Gerais e Brasília. Brasília, pois Sofia na sua busca pelas palavras sobre palavras, encontra-se com um amigo de Leonardo, companheiro de partido e que naquele momento era advogado e político. Na entrevista dele com Sofia, creio ser interessante ouvir a própria voz de Taco:

Leonardo fez treinamento em Cuba comigo. Ficamos muito amigos. Quando retornamos participamos de algumas ações coordenadas pela organização [algumas vezes no relato os militantes designam Partido desse modo] inclusive alguns assaltos [...] Logo, porém, a repressão começou a endurecer muito. O Esquadrão da Morte nos caçava como bichos. Alguns companheiros caíam e tínhamos notícia do que acontecia com eles na prisão. Estavam apertando o cerco, iam chegando em nós através do que os companheiros revelavam sob tortura. E não havia como permanecer em silêncio. Pois começaram a prender até os familiares da gente, uma coisa horrível foi [...] [a narradora, então, chama a atenção para a postura de Taco] [...] ele baixou os olhos — sem que tivesse nada a ver com a guerrilha.

Taco então entra na parte mais delicada da trama/clandestinidade, quando relata que um companheiro de partido estava sendo observado pelos próprios militantes camaradas, pois desconfiavam que ele tinha dedurado para a Ditadura ações do Partido com vítimas para o Partido Revolucionário.

E Taco continua seu relato falando de sua experiência e de Leonardo: “a vida na clandestinidade era horrível”, “O medo tornava nossos pensamentos mórbidos”, “Estávamos em uma guerra, enquanto as pessoas ao nosso redor viviam e trabalhavam”, “o mundo parecia irreal, envolto naquela atmosfera sufocante.” E, no fim desse relato, Taco revela para Sofia o que Leonardo fizera:

Nós [os militantes do Partido] éramos implacáveis obstinados quando tomávamos uma decisão. Quando ele [o militante condenado pelo Tribunal do Partido] viu que não conseguira convencer ninguém, tentou fugir. Leonardo e os outros correram atrás dele e, num terreno baldio... o mataram a tiros.

Sofia desconfia do relato. Pensa se não terá sido Leonardo esse jovem morto que suplicou e jurou que nada tinha feito de errado contra o Partido. E é depois desse episódio, segundo relato de Taco, que Leonardo vai para o Araguaia.

Mas o espaço é redescoberto depois do tempo passado... sem destino. Sofia descobre pela mãe, Luísa, que Leonardo se encontrara com ela antes de ir para o Araguaia. O pai tivera também o privilégio, mas de novo renovara a promessa do enfrentamento, pois tentara fazer Leonardo voltar para “*O Pater Famílias e a moral da cegonha*” (Oswald de Andrade). Leonardo recusa e parte!

A vida familiar é feita de uma ciranda, uma dança coletiva que envolve em seus balanços todos que entram na roda e seguem o fluxo dos movimentos. Há um relato inicial “escrito” por Mariana e Leonardo/Antonio que tinha sido levado, espécie de despojo de guerra, por um Militar, que morava em Brasília. Daí é que surge a perspicácia da narradora Sofia/Grammont, que nos remete a “*The Purloneid Letter*”, de Edgar Allan Poe. Aqui a Dupin é Luísa, pois ela é quem recebe os manuscritos que foram enviados pelo General Monteiro, velho, doente, caquético e sem voz. O Velho General toma uma atitude que revela um certo arrependimento. Envia o manuscrito para o endereço da casa de Luísa, que lê e o entrega para Marcos, um amigo/confidente de Sofia que o datilografa e devolve à Luísa.

Então Luísa, Marcos e o Pai leram o texto. Sofia, naquele momento, vivia sua vida, e, nessa vida, só o que importa é sua própria vida e, desse modo, não resta tempo para ler o texto. A mãe diversas vezes pede para Sofia encarar a outra parte da vida, da família, o espaço que estava faltando sem Leonardo, mas Sofia passa anos se recusando a ler. Finalmente, quando encara o texto, o tempo que estava nesse espaço quase epistolar, descobre a dualidade do discurso do texto e pergunta a Marcos quem o enviou. Marcos revela o remetente e, então, Sofia descobre que era de Brasília. Assim ela entra em contato com Laura, filha do General, Monteiro, que deve ter dirigido uma tropa no Araguaia e, talvez, tenha sido o algoz de Antonio/Leonardo. Monteiro torna-se o “dono” do manuscrito, pois parte da autoria está morta.

Arrependimento é espaço de tempo! Nunca é no presente, sempre se apresenta em uma contemporaneidade que, volta o olhar para o passado, fincando os pés no contemporâneo. Agora General, Monteiro, homem de medalhas, “virtudes” militares, até tido como reto, correto e direto na ordem da caserna — até na vida civil teve tempo de “*bondades*”, adota uma menininha, uma criança. Talvez o General Monteiro tenha sido obrigado a voltar os olhos para o passado, e vislumbrar na juventude, passada, o fim de outra juventude, que poderia estar no presente naquele mesmo espaço de tempo. Então, o General Monteiro cria sua linha (incompleta) do tempo: arrependimento e melancolia. E é assim que vive, um vivo que tem apenas lembranças de morte, que é sua própria morte. E as pesquisas e cronologias de Monteiro chegam no anti-espaço de Antonio/Leonardo, no Araguaia. E é desse modo, dessas tramas em tramoias, que o manuscrito chega às mãos do pai de Leonardo.

Na continuação do livro *Palavras Cruzadas*, tem-se o contato anódino de Sofia com a filha do General, Laura. Sofia faz duas viagens para Brasília. Na primeira, não obteve informações sobre o irmão. Mas Sofia é uma daquelas pesquisadoras que une a avidez das informações recebidas com a serenidade da reflexão; nisso, percebe que falta um ponto de sustentação nessa história que ela vai criando sobre as peripécias do irmão. E essa reflexão aparece na parte final, na segunda viagem a Brasília, quando vai até o apartamento de Laura e conhece Cintia, que relembra o pai, filho do pai, pai de Sofia; Cíntia morena, “mel e pão” (Guimarães Rosa), irmã de criação da loira e branca, Laura, filha do General Monteiro.

A vida tem caminhos difíceis. Sófocles dizia que “um homem não pode gabar-se de ser feliz até que chegue o último de seus dias”. É verdade, mas a sentença pode ser contrariada pelas esperanças da vida. Esperança é uma coisa que se quer quando se está à borda do desespero, quando chega-se a uma curva em que há uma advertência: fim da linha! E então essa linha se torna sinuosa criando um bailado de existência além da existência, que só poderia ocorrer, para Sofia, se Leonardo pudesse aparecer de novo, mesmo sabendo de sua morte em um final de curva no Araguaia.

Sofia tinha uma caixinha de música, que ganhara do Pai, com uma pequena bailarina, ao centro e que bailava em volta de si mesma, como se todo o espaço e tempo externo e interno da caixa fossem apenas uma coisa: movimento e música. Quando Leonardo vai embora de casa, para lutar contra a ditadura, Sofia deu a caixa de presente para Leonardo levar. Leonardo depois da insistência da irmã mais nova, leva consigo.

Agora, a mesma curva de Leonardo aparecia como uma representação do passado na vida de Sofia. O mesmo ser que estava na caixinha de música nasce em uma geometria do vento, em uma dança aérea, uma cambalhota divina, um sopro de vida (Clarice Lispector), digno de Isadora Duncan, Marilena Ansaldi ou Soraia Silva. Heródoto, em sua *História*, conta que ocorreu certa vez uma contenda entre os povos de Egina e de Atenas por conta de alguns pinheiros que foram derrubados daquela cidade pelos atenienses, o que causou uma briga entre esses dois povos. Na ocasião, os povos de Atenas fizeram com a madeira duas enormes esculturas de duas deusas. Os eginenses levaram ferramentas para derrubar e cortar as esculturas talhadas, mas conta-se que na hora que eles foram dar o primeiro golpe de machado, as esculturas se ajoelharam em frente aos lenhadores. Às vezes a realidade, o tempo, o espaço se curvam; às vezes, até o próprio homem se curva à realidade exposta por Thomas Hobbes: “*homo homini lupus*”.

E dessa curva que começa com “*Hexentanz*”, tempos difíceis, cinza dos tempos de chumbo da década de 70, e termina com um sopro de vida da abertura para a liberdade e os movimentos solenes de Marilene Ansaldi, década de 80, de chumbo e vida que sobrevive na dança de Cintia, no Teatro Martins Pena, de Brasília: “as covinhas do rosto de Cintia, quando ela sorria, seus olhos cor de mel encimados por logós cílios, ela era inteira... Leonardo”. Essa é a grande descoberta de Sofia nessa vida de curvas cruzadas!

O périplo se cumpre, as madeiras dobram-se diante da beleza da vida. Leonardo vive, em Cintia que é vida. Digno de Poe, digno de Sofia!

REFERÊNCIAS

GRAMMONT, G. *Palavras Cruzadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.